

ARTIGO

ASPECTOS DA LITERATURA GUIANENSE:  
**POR UMA POÉTICA DA  
APROXIMAÇÃO INTERNACIONAL**<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho busca, a partir de uma visão panorâmica, abordar aspectos relacionados à literatura guianense. Devido ao fato de a Guiana e sua literatura serem pouco divulgadas entre o público brasileiro, procuramos apresentar aspectos de cunho geopolítico, juntamente com temas relacionados à literatura, que melhor nos situem em relação à realidade do país vizinho.

**Palavras-chave:** Guiana – poesia – romance – crítica literária – Reino Unido – afro-guianenses – imigração indiana.

O presente estudo faz parte de uma série de reflexões por nós realizadas ao longo de mais de dez anos sobre aspectos ligados à realidade guianense. Nosso interesse por temas ligados à Guiana teve início entre os anos 1993 e 1996, período no qual residimos na Guiana. Durante o mesmo período trabalhamos como professor de português para estrangeiros e secretário do Centro de Estudos Brasileiros, instituição diretamente ligada ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Ainda durante o referido período estudamos Literatura na Universidade da Guiana. Em 1999

<sup>1</sup> Professor Assistente da UFRR na área de Língua Inglesa e literaturas correspondentes. Mestre em Estudos Literários pela UFMG.

<sup>2</sup> O título de nossa dissertação de mestrado, defendida em set. de 2003 é Resistance and emancipation in the writings of Rooplall Monar, defendida em 2003. Através da dissertação, estudamos vários aspectos ligados à imigração indiana para o Caribe de expressão inglesa com ênfase na Guiana. O trabalho foi escrito e apresentado em inglês e ainda não conta com tradução para o português. Para maiores informações sobre o referido trabalho e sobre temas ligados à Guiana, entrar em contato conosco através do e-mail [ufrfelfelix@yahoo.com.br](mailto:ufrfelfelix@yahoo.com.br).

ministramos um curso de português para estrangeiros, na cidade fronteira de Lethem, Guiana, o primeiro curso realizado pela UFRR fora do Brasil. O curso foi realizado através de uma parceria entre a **UFRR** e o **Institute of Distance and Continuing Education da Universidade da Guiana**. Em 2003 defendemos uma dissertação de Mestrado na área de estudos literários cujo foco foi a produção literária de um escritor Guianense de origem indiana.

Tais iniciativas são amostras de nosso interesse em melhor conhecer a realidade do país vizinho e ao mesmo tempo torná-lo conhecido junto ao público e a pesquisadores brasileiros.

Foram vários os motivos que nos levaram a escrever o presente artigo, desde aqueles de caráter puramente afetivos, àquele que gira em torno da crença num conceito de fronteira que se define não como “uma linha que separa dois Estados, mas a zona ou área que se estende de cada lado da linha limítrofe, com especificidades e necessidades próprias”, como diria Coelho (1992, p.10) . Desde nosso primeiro contato com a Guiana e lá se vão mais de dez anos, especialmente com as zonas de fronteira que margeiam os dois lados do rio Tacutu/Takutu, temos tentado perceber a fronteira como uma zona de desenvolvimento e integração regional. Acreditamos que para que a integração regional almejada se efetive de forma plena precisamos, antes de mais nada, de melhor nos conhecermos. E para melhor nos conhecermos não há nada mais eficaz do que ensaiarmos “projetos modestos”, como a publicação de estudos voltados para a realidade fronteira em questão.

Como o presente artigo estará circulando em uma revista de caráter multidisciplinar, cremos ser relevante apresentarmos alguns aspectos ligados à geopolítica da Guiana. Justificamos tal razão em um artigo cujo foco será mostrar aspectos da produção literária do país vizinho pelo fato de, ao longo de mais de dez anos lecionando na Universidade Federal de Roraima, percebermos que há uma grande lacuna por uma grande parcela da população brasileira, no que diz respeito ao conhecimento da realidade deste membro da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica -OTCA. Poderíamos citar várias razões que, ao nosso ver, contribuem para tal lacuna, dentre elas está o problema da mídia Brasileira voltada, sobretudo, para a cobertura da realidade dos chamados países desenvolvidos. Há quem acredite, inclusive nós os

habitantes de um estado que faz fronteira com a Guiana, que a barreira da língua também é um fator que tem mantido afastados brasileiros e guianenses. Talvez isto possa ser verdade em parte, pois os Estados Unidos tem como língua de ampla comunicação o inglês, assim como a Guiana o tem, e a população brasileira provavelmente sabe mais sobre Nova Iorque ou Miami do que sobre Georgetown. Um fator preponderante que tem contribuído para a marginalização da Guiana pelo Brasil é, como diria Agemiro Procópio, “a tradição do compadrio diplomático de raízes ibéricas” que “historicamente marginalizou a Guiana e o Suriname” (2005, p. 285).

Como podemos perceber nas citações acima, através das críticas cáusticas de Procópio, o problema de desconhecimento e marginalização por parte do Brasil em relação a alguns países amazônicos, é uma questão de diplomacia. Como pesquisador de literaturas de língua inglesa de uma universidade localizada próxima à fronteira Brasil - Guiana, gostaríamos de tomar parte da responsabilidade de colaborar para a não-marginalização do país vizinho e o fazemos neste momento através de um estudo que, de alguma forma, acreditamos, irá contribuir para um melhor conhecimento do funcionamento da sociedade guianense.

O Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas (DLEM) da Universidade Federal de Roraima está em processo de reformulação de seu Projeto Político Pedagógico. Dentre as várias mudanças em andamento no âmbito do mencionado projeto, citamos a criação de novas disciplinas na área de literaturas de expressão inglesa que visam a inclusão de literaturas de outras regiões de expressão inglesa além dos Estados Unidos e do Reino Unido, como por exemplo, da África, da Ásia, da Oceania e inclusive do Caribe anglófono, do qual, do ponto de vista geopolítico, a Guiana faz parte. Tal decisão tem sido motivada especialmente pelo fato de estarmos localizados, enquanto instituição de ensino, em uma região que faz fronteira com uma ex-colônia britânica.

Quando tivemos acesso pela primeira vez ao chamado para publicação da revista do Centro de Ciências Humanas (CCH), em um primeiro momento hesitamos em enviar o presente texto por se tratar de um ensaio voltado para a crítica literária: o que vai fazer um texto de crítica literária em uma revista que não é da área de Letras? Foi nossa primeira preocupação. Depois de alguns

momentos de hesitação chegamos à conclusão de que, mais do que nunca, tem-se falado em transdisciplinaridade; do diálogo entre as várias formas de conhecimento, em fim, nesta virada de milênio um dos jargões mais comuns da práxis epistemológica tem sido aquele que preconiza que o conhecimento não tem fronteira. Assim sendo, aqui está um texto de cunho crítico-literário tentando dialogar com a linha editorial do presente volume da revista em questão.

A presença inglesa no Caribe pode ser traçada a partir do século dezessete, quando colonizadores ingleses invadiram o que hoje são as Bermudas, na época parte do império espanhol, e por volta de 1607 fundaram Jamestown, um dos primeiros assentamentos ingleses no Novo Mundo. No mesmo século a Inglaterra conquistou Antígua, a Jamaica, as Bahamas e Saint Kitts e Nevis. No século dezoito aquela potência colonial se apossou de Granada e de Dominica e no século dezenove conquistou Trinidad e Tobago, Santa Lúcia, Belize e a Guiana. Como podemos perceber, a Guiana, Trinidad e Tobago, Santa Lúcia e Belize estão entre as últimas aquisições territoriais do Reino Unido em terras das Américas.

O território que hoje conhecemos como República Cooperativa da Guiana pertenceu primeiramente à coroa espanhola, todavia foi o Reino dos Países Baixos, conhecido vulgarmente como Holanda, a primeira potência européia a fundar colônia na região em questão, ainda nos longínquos anos de 1616. Em relação à presença inglesa na região, as primeiras tentativas de fundar colônias se deu entre 1606 a 1650, quando estas terras estavam sob domínio flamengo, ou holandês, como queiram. Foi somente na primeira metade do século dezenove que a então Grã-Bretanha ocupou definitivamente o que hoje forma a Guiana, depois de sucessivas guerras entre os Países Baixos e a França, inclusive.

A Guiana moderna se formou a partir de 1966, ano em que o país se tornou independente da coroa britânica. É interessante lembrar que a Guiana se tornou independente dentro da Commonwealth, uma organização que congrega a Grã-Bretanha e a maioria de suas ex-colônias, como a Índia, primeira nação não-branca a se tornar membro daquela organização.

Além de fazer parte da Commonwealth, a Guiana também é membro da CARICOM, uma espécie de mercado comum e comunidade do Caribe formado

por Antigua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Jamaica, Montserrat, Santa Lúcia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Grandinas, Trinidad e Tobago, Haiti e o Suriname.

Depois destas breves informações de ordem geopolíticas, passemos agora para o principal objetivo de nosso trabalho que é oferecer uma visão panorâmica da literatura produzida na Guiana, sobre a Guiana, ou por guianenses no *exílio*.

Para muitos críticos e teóricos da literatura brasileiros que têm se dedicado ao estudo da produção literária da Guiana, o vocábulo literatura Guianense ainda não soa bem como conceito operacional válido, pois para eles a literatura produzida na Guiana ou por guianenses, ainda não constitui propriamente um sistema literário, visão que gostaríamos de contestar sem partirmos para polêmicas desnecessárias.

Em um primeiro momento, ao abordamos a produção literária da Guiana, parece que o país não dispõe ainda, de forma plena, dos componentes básicos necessários a uma produção literária a fim de que esta possa ser vista como um sistema literário. Por isso muitos críticos e estudiosos da produção literária daquele país preferem dizer que a Guiana integra o grande sistema literário do Caribe anglófono e por isso, ao invés de usarem a expressão literatura guianense, preferem usar expressões como literatura anglo-caribenha; literatura de expressão inglesa do Caribe ou quando utilizam o inglês enquanto instrumento de produção usam expressões como *West Indian Literature* ou *Caribbean Literature*. A expressão *Caribbean Literature* muitas vezes é utilizada com certo cuidado porque esta pode denotar toda a literatura do Caribe, inclusive aquela de expressão francesa; espanhola ou holandesa, dentre outros sistemas lingüísticos utilizados como meio de expressão na região, como por exemplo, as várias línguas indígenas e crioulas ali faladas.

Como nosso objetivo principal é abordar a produção literária da Guiana, assumimos, enquanto pesquisador da literatura em questão, o risco de utilizar um conceito operacional que para alguns possa ser problemático do ponto de vista teórico-crítico, ou seja, assumimos o risco de utilizar a expressão literatura guianense. Em resposta aqueles que compartilham da posição de que a produção literária do país em questão ainda não constitui um sistema

gostaríamos de discordar e reafirmar que a produção literária guianense constitui um sistema sim, ainda que um sistema de certa forma deficiente, em comparação com outros sistemas literários das Américas, inclusive do Brasil.

Discorrer sobre o surgimento de um determinado sistema literário não é tarefa fácil. Muitas vezes, por questões de ordem didática temos que ser arbitrário, ainda que correndo o risco de assumir ônus sobre determinadas posições. Já que é necessário mostrar um começo da literatura guianense, vamos tomar como marco do surgimento da literatura em questão a primeira metade do século vinte.

Por questão de espaço, na presente visão panorâmica da literatura aqui estudada, iremos nos concentrar em dois elementos ligados aos gêneros literários mencionados acima – a poesia e o romance, mesmo que outros subgêneros sejam ligeiramente mencionados. Ainda devido ao espaço limitado do presente ensaio, decidimos abordar a obra de praticamente cinco escritores, um poeta, **Martin Carter**, e três romancistas: **Edgar Mittelholzer**, **Wilson Harris** e **David Dabydeen**. A eleição dos nomes em questão para compor o objeto do presente estudo foi feita com base num critério não tão arbitrário. Decidimos pela escolha dos referidos nomes guiados pela opinião da crítica em reconhecer tais escritores como alguns dos mais representativos nomes da literatura guianense atual. Nossa preferência por abordar mais poetas do que romancistas reside no fato de nosso trabalho, enquanto pesquisador de literatura, estar mais voltado para o gênero narrativo, em especial o romance.

Quando nos referimos ao surgimento de gêneros literários no mundo ocidental, há quem afirme que a poesia tendeu a preceder o romance. No caso da Guiana parece que tal tendência também se deu. Por esta razão e por questões de ordem didática começaremos nossa discussão acerca da literatura guianense discorrendo sobre o surgimento da poesia naquele espaço geográfico.

Quando comparamos o surgimento de instituições culturais responsáveis pela promoção da arte ou de elementos a ela ligados no âmbito do Caribe de expressão inglesa em quatro dos maiores produtores de bens culturais, como Barbados, Jamaica, Trinidad e Tobago e a Guiana, percebemos que o florescimento de uma classe social consumidora de bens culturais,

surgiu na Guiana muito tardiamente em comparação aos outros três países. Por uma questão histórica, como já demonstramos em parágrafos anteriores, quando a Guiana se tornou parte do Reino Unido, países como a Jamaica e Barbados, já tinham algum aparato estimulador da produção de bens culturais. Só para se ter uma idéia, no longínquo ano de 1718 a Jamaica publicou um jornal, o *The Weekly Jamaican Courrant*, o primeiro jornal publicado nos domínios britânicos do Caribe anglófono, e o segundo jornal a ser publicado de forma regular nas Américas<sup>3</sup>, faceta que a Guiana realizaria somente quase dois séculos depois, com a publicação do periódico *Timehri*<sup>4</sup> em 1882.

No tocante ao aparecimento da poesia na Guiana, o nome do guianense Norman Cameron sobressai como marco importante, pois foi ele um dos primeiros pesquisadores a pesquisar o aparecimento da poesia naquele país e em 1931 publicou o trabalho intitulado *Guyanese poetry (1831-1931)*. A importância do trabalho de Cameron reside no fato de que, ao tempo da publicação de seu trabalho, estudos sobre a literatura do Caribe anglófono eram vistos com ceticismo pela comunidade acadêmica britânica. O trabalho também deve ser visto como obra de grande relevância histórico-literária, pois é considerado a primeira antologia poética da colônia, como diria Breiner (1998, p. 77). A partir do trabalho pioneiro de Cameron, foi possível perceber que havia, ainda nos idos da segunda metade do século dezenove, alguém escrevendo poesia cujo tema era, dentre outras coisas, a natureza exuberante da colônia.

Quando estudamos a forma de publicação e circulação da poesia produzida na Guiana antes da década de quarenta do século passado, observamos que a maior parte das publicações eram publicações um tanto artesanais, ou seja, não tinham finalidades comerciais. Eram poesias produzidas pela força do diletantismo. Foi somente com o aparecimento da revista *Kyk-over-al*, em 1945, que uma poesia mais voltada para a realidade da colônia em relação à metrópole teve lugar.

Um dos primeiros poetas guianenses a angariar fama internacional foi **Martin Carter**, devido principalmente a sua ligação com a realidade guianense

---

<sup>3</sup> Ver site [www.jamaica-gleaner.com/pages/history/story0066.html](http://www.jamaica-gleaner.com/pages/history/story0066.html). O artigo pode ser de grande interesse para interessados na história da imprensa nas Américas.

<sup>4</sup> A. J. Seymour

de seu tempo. Ele foi o que poderíamos chamar de intelectual militante. Tendo nascido em 1924, Carter participou, enquanto intelectual, de momentos decisivos da história da Guiana, tanto no período pré-independência quanto no período pós-independência. Segundo Alarcon (1980), em estudo magistral sobre a identidade nacional na literatura guianense contemporânea, Carter viveu intensamente momentos turbulentos da história política de seu país, interferindo em processos de cunho políticos e ideológicos durante o período pós-segunda guerra. O poeta presenciou momentos em que todo Caribe anglófono acalentava esperanças quanto à independência política.

Martin Carter foi membro do PPP, sigla de Partido Progressista do Povo, partido político de orientação marxista criado pelo guianense de origem indiana Cheddi Jagan, considerado um dos pais da nação. Sua ligação ao PPP foi responsável por sua prisão em 1954, ano em que no Brasil ocorria a morte de Getúlio Vargas. Naquele mesmo ano, Carter publicou uma série de poemas intitulados *Poems of Resistance* cujo objetivo principal era protestar contra a intervenção dos Estados Unidos na política interna guianense. Gostaríamos de observar que entre 1953 e 1954, a onda de desestabilização política experimentada pela então Guiana Britânica atingia, de alguma forma, o então Território do Rio Branco. Em pesquisa realizada em alguns números do *Jornal O Átomo*, órgão noticioso do Território do Rio Branco surgido nos anos de 1950, pudemos observar o clima de tensão que naquele momento envolvia Georgetown. Dentre as reportagens por nós analisadas, é possível ler-se: “Graves agitações em Georgetown” (*O Átomo*, 1954, p.4). O conteúdo da reportagem ligada à referida manchete, dá notícia da prisão de Cheddi Jagan e de Martin Carter, apresentando a Carter como líder da extrema esquerda daquele partido. Outra reportagem por nós pesquisada traz como manchete “Dinamitada a estátua da Rainha Vitória, em Georgetown”. A reportagem reza que,

Pela madrugada de 30 do mês findo, terroristas guianenses levaram a efeito, com sucesso, um atentado contra a estátua da Rainha Vitória, monumento esse que se encontrava numa praça pública e que ficou completamente danificado, tendo a explosão feito saltar a cabeça, braços e parte do tronco do mesmo (*O Átomo*, 1954, p. 1)



É curioso como o jornal da época, em linguagem enfática, classifica o grupo que atentou contra a presença de um símbolo do poder colonial, a estátua de uma rainha, como terroristas guianenses. Visões como esta teriam reforçado a imagem do guianense como perigoso, uma ameaça à segurança do vizinho Brasil, na época um combatente ferrenho da presença comunista em suas fronteiras? Outra reportagem que vale a pena ser mencionada, ainda oriunda do jornal O Átomo, traz como manchete “Rasgada a bandeira inglesa: agitações na capital da Guiana britânica” (O Átomo, 1954, p. 6). A reportagem continua informando que,

notícias procedentes da Guiana Inglesa informam terem ali ocorrido graves acontecimentos, provocados por elementos comunistas durante um “meeting,” realizado a 16 do corrente. Elementos exaltados, pretos guianenses, rasgaram a bandeira inglesa. Nota-se grande inquietação por parte dos residentes brancos estrangeiros, principalmente ingleses (O Átomo, 1954, p. 6).

É importante atentar, na citação acima, para expressões como “elementos comunistas” e “pretos guianenses”. Este tipo de visão parece ainda fazer parte do imaginário de alguns segmentos do Estado de Roraima: a visão de que a Guiana é composta de negros de orientação comunista, portanto, indivíduos a serem temidos por representarem uma ameaça junto à fronteira do Brasil. Vale ressaltar que em uma determinada época do passado, a Guiana representava também a colônia britânica de onde roraimenses podiam comprar produtos de primeira qualidade, como manteiga, bicicleta, entre outros bens de consumo.

Há um fato importante em relação ao universo literário guianense para o qual gostaríamos de chamar a atenção e que ainda é característica marcante da literatura daquele país: a migração de escritores. Pesquisadores daquela literatura tentam de várias formas justificar o porquê de tão comum prática. Dentre as justificativas estão fatores como mercado insuficiente; falta de incentivo à produção livresca; instabilidade política, entre outros. O fato é que os maiores nomes da comunidade literária do país vive fora de seu país. Com Martin Carter a coisa se deu de forma diferente. Carter não buscou o exílio a fim de construir um grande nome artístico. Para ele o exílio podia ser dentro de seu próprio país.

Outro fato interessante mencionar em relação à vida de Carter, foi sua passagem, como membro ativo, pelos três principais partidos políticos da Guiana. Depois de ter militado, por alguns anos, no PPP, ao lado de Cheddi Jagan quando da fudação daquele partido, Carter resolveu deixá-lo por acreditar que tal partido tinha forte orientação racista, e decidiu se juntar ao PNC, Congresso Nacional do Povo. Depois de estar filiado ao PNC Carter não aceitou a forma autoritária como seu líder, Forbes Burnham, líder político afro-guianense e considerado um dos arquitetos da nação, guiava os destinos do país. O poeta decidiu então se juntar a outro partido: o WPA, Alinança do Povo Trabalhador, o mesmo partido do professor de história Walter Rodney, assassinado em 1980.

Com a morte de Carter em 1997, a Guiana ofereceu ao mundo um talento poético e ao mesmo tempo o típico intelectual envolvido com as causas da massa e o destino de seu país.

O que tentamos mostrar nos parágrafos acima relacionados ao momento histórico que trata da tentativa da Guiana de se tornar uma nação independente, é uma tentativa de mostrar que a indepêndncia da Guiana não foi concedida como um presente por parte da coroa britânica ao povo daquele país, como muitos tendem a imaginar. No processo de independência do país em questão, Martin Carter, um intelctual das letras, um poeta, teve participação importante enquanto mentor intelectual do movimento de libertação nacional.

Depois desta rápida exposição sobre a poesia guianense passaremos agora a comentar sobre o romance guianense que, apesar de também ser jovem, como a poesia, aponta para um futuro assaz animador. Para nossa reflexão nos concentraremos em três nomes que sem dúvida melhor representam a ficção daquele país: **Edgar Mittelholzer** (1909 – 1965); **Wilson Harris** (1921-) e **David Dabydeen** (1956-).

**Edgar Mittelholzer** nasceu na pequena cidade portuária guinense de New Amterdam, localizada no outrora chamado Condado de Berbice, região que faz fronteira com o Suriname. Ele foi até hoje o romancista guianense que mais romances publicou, cerca de mais de vinte romances. Seu primeiro romance escrito e publicado foi *Corentyne Thunder*, em 1941, por uma editora

inglesa. O romance trata, dentre outras coisas, do dia-a-dia da vida de descendentes de imigrantes indianos da região costeira do Corentyne, região hoje conhecida por seus arrozais infíndos, seus rebanhos bovinhos, suas mesquitas e seus templos hindus. À época da publicação do romance, em 1941, a Guiana ainda fazia parte do império britânico. Ao começarmos a ler as páginas introdutórias do romance, a impressão que se tem é a de que o autor publicou sua obra para um público-leitor externo, como podemos perceber logo no início da narrativa:

Um conto que estamos para começar fala sobre Ramgolall, um criador de vacas, que viveu na costa do Corentyne da Guiana Britânica, a única colônia britânica na parte continental da América do Sul. Ramgolall era pequeno e bastante magro. Ele era um indiano que chegou na Guiana Britânica em 1898 como imigrante contratado para uma propriedade produtora de cana-de-açúcar. Ele tinha trabalhado duro. Ele tinha cumprido religiosamente o período de seu contrato, e agora aos sessenta e três anos de idade ele cuidava de vacas nas savanas da costa do Corentyne, seu próprio senhor e guia. (MITTELHOLZER, 1981, p.9)<sup>5</sup>

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que há uma preocupação, logo de início, por parte do narrador, em situar o leitor no tempo e no espaço. Mittelholzer se comporta como o típico escritor da colônia escrevendo para a metrópole. Outro fator importante a ressaltar está no fato de que o leitor logo é informado sobre aspectos da imigração indiana para a Guiana, assunto que retomaremos com mais detalhe em momento oportuno, quando estivermos lidando com a produção ficcional de outro dos escritores a serem estudados.

Mittelholzer foi um dos pioneiros do romance na Guiana, principalmente por ser o primeiro escritor guianense a deixar o país e a ganhar a vida como escritor. A temática de sua obra é das mais variadas. Ele aborda desde assuntos ligados à identidade do homem anglo-caribenho a assuntos ligados ao passado histórico de seu país, passando inclusive, por histórias de terror, como em seu livro *My bones and my flute* (1955), hoje uma espécie de leitura obrigatória para alunos de nível médio na Guiana. A leitura da obra de Mittelholzer é algo indispensável para quem pretende ter um melhor conhecimento do *ethos* guianense.

---

<sup>5</sup> A tradução, do inglês, é nossa.

Edgar Mittelholzer, aquele que poderíamos considerar o pai do romance guianense, pôs fim a uma carreira das mais produtivas em se tratando de obras publicadas, quando cometeu suicídio ateando fogo ao próprio corpo em uma rua de Londres. Há quem relacione o suicídio do romancista ao fato de ele nunca ter aceito sua condição mestiça em uma sociedade onde o híbrido ainda sofre para encontrar espaço, como a guianense, principalmente na sociedade guianense de há mais de quarenta anos.

Um dos cadernos Mais do jornal a Folha de São Paulo datado de 1990, em uma de suas edições, trazia como título de uma de suas reportagens “escritor da Guiana é lançado com 30 anos de atraso” (Folha de São Paulo, 1990, p.?). O restante do artigo iniciava dizendo que “escritor prolixo de romances, teórico de sua própria obra, Wilson Harris, natural de Georgetown (Guiana), é amplamente reconhecido como um dos escritores contemporâneos mais criativos da língua inglesa” (Folha de São Paulo, 1990, p.?). Os trinta anos de atraso aos quais se refere o título do artigo é o tempo que Wilson Harris levou para ser traduzido no Brasil.

**Wilson Harris** nasceu em Georgetown, Guiana, em 1921 e atualmente reside na Inglaterra. Considerado escritor de difícil leitura, principalmente por não fazer uso do realismo de escrita linear, mas de uma espécie de realismo fantástico. Por razões desta natureza há críticos que tentam aproximar Harris de alguns escritores do chamado boom latino-americano que fizeram uso desta técnica, como Garcia Marquez, entre outros.

Uma das preocupações constantes de Harris em sua obra é sua quase obcecação pelo passado mítico das Américas. Seu primeiro romance escrito e publicado foi *Palace of the Peacock* e isto se deu em 1960. No Brasil a obra foi traduzida e publicada com o título de *Palácio do pavão* (1990). Aliás, como estamos lidando com a literatura do ponto de vista da crítica literária, é bom que se diga que a tradução da obra do inglês para o português apresenta alguns problemas sérios de tradução. Assim sendo, recomendamos que, aqueles que têm acesso à língua inglesa que o leiam no original a fim de que possam desfrutar de melhor leitura. A narrativa do romance trata de uma viagem metafórica para o interior da Guiana, esta apresentada como símbolo do mundo colonial encontrado pelo colonizador europeu à época dos

descobrimientos. O livro é pequeno em extensão porém profundo e arrebatador em se tratando de técnica e de significados. Um dos temas centrais do romance é a escravização do indígena pelos *conquistadores* europeus. De acordo com Jelinek (1995: 139), referindo-se à forma como Harris desconstrói a visão de que o indígena e a natureza do continente americano eram ambos passivos, “a escrita de Harris estimula no leitor um tipo diferente de visão que nega a passividade tanto do povo como da natureza, uma consequência da conquista renascentista há muito discutida e aceita como verdade”.<sup>6</sup>

Parte da matéria prima utilizada por Harris na confecção de seus mais de dezoito romances, foi adquirida quando este atuava como fiscal de terras para a coroa britânica no interior da Guiana.

**David Dabydeen**, romancista, poeta, crítico literário e professor universitário, assim como Edgar Mittelholzer, nasceu em Berbice, próximo à fronteira com o Suriname, em 1956. Ele descende de imigrantes indianos trazidos para a Guiana a partir da segunda metade do século dezenove. Antes de apresentarmos com mais detalhes a obra deste escritor, gostaríamos de discorrer, ainda que de forma rápida, sobre alguns aspectos relacionados à imigração indiana para a Guiana, a fim de que possamos conhecer melhor um pouco da realidade deste grupo étnico tão importante para a formação do país vizinho e do qual faz parte David Dabydeen.

Após a libertação dos escravos na Guiana, ocorrida em 1834, como em todo império britânico, com a finalidade de suprir a carência de mão-de-obra de alguns setores de sua economia, autoridades governamentais começaram a implantar sistemas de imigração para várias de suas colônias, inclusive para a Guiana. Registros mostram que tentativas foram feitas com chineses, portugueses e inclusive com africanos, mas as tentativas que mais lograram êxito foram aquelas levadas a cabo, a partir de 1838, com trabalhadores oriundos do subcontinente indiano introduzidos na Guiana como trabalhadores contratados. Outros territórios coloniais do Caribe também se beneficiaram de tais imigrantes, como por exemplo, Trinidad e Tobago e a Jamaica. Guadalupe, possessão francesa, e o Suriname, possessão Holandesa há época, também recebem grandes contingentes de tais imigrantes. Em relação à Guiana, os

---

<sup>6</sup> A citação faz parte de um ensaio escrito em inglês e a tradução é nossa.

indianos continuariam a chegar no país até o tardio ano de 1917. Hoje os descendentes de indianos formam o maior grupo étnico do país vizinho, tendo ultrapassado os afro-guianenses.

Em relação à contribuição indiana para o desenvolvimento do país em questão, foram vários os setores nos quais se pode sentir a influência do país de Mahatma Ghandi: arquitetura; música; religião; economia; política e inclusive, principalmente nos últimos vinte e cinco anos, na literatura guianense.

Quando paramos para pensar sobre as origens de uma tradição literária produzida por indianos e seus descendentes na Guiana, percebemos que uma produção contínua, ininterrupta, é algo relativamente recente. Alguns fatores podem ser apontados como possíveis causas para tal retardamento, dentre eles está a própria condição trabalhista na qual o imigrante chegava na Guiana. O imigrante indiano na Guiana vinha para o país por tempo determinado, geralmente através de contrato de cinco anos e depois este poderia escolher voltar ou ficar no país. Ao contrário do que se esperava, a maioria decidiu ou se viu obrigada a permanecer, esperando um dia poder retornar à Índia. Esta situação fazia com que, no começo, os pais não enviassem seus filhos para as escolas da colônia. Como a maioria dos imigrantes era composta por hindus ou muçulmanos, reduzido era o número de imigrantes disposto a enviar seus filhos para serem transformados em cristãos, já que um dia eles esperavam voltar e como iriam eles se reinserir no sistema de castas do país de origem, no caso dos hindus? Mesmo para os de origem muçulmana, entre os quais o sistema de casta parecia ser mais flexível, a resistência foi tremenda.

Outro fator preponderante para manter o imigrante longe do sistema de educação, era o fato de eles terem desenvolvido características culturais eminentemente agrárias. Ao contrário do descendente de escravos que logo depois da libertação afluiram em massa para os centros urbanos, o indiano e seus descendentes preferiram, durante décadas, a vida agrária. Hoje é possível perceber ainda uma grande tendência do afro-guianense para assumir profissões que exigem maior qualificação educacional, enquanto que o indo-guianense tende ou para o agronegócio, o comércio e em menor escala para o funcionalismo público e para algumas profissões liberais. Este cenário, todavia, tem sofrido mudanças significativas nos últimos trinta anos.

No campo da produção artística o quadro não foi diferente, principalmente no domínio da literatura. Depois de quase um século e meio da presença indiana na Guiana, a década de oitenta do século passado foi talvez o período da história do país no qual se deu com maior força o aparecimento de uma classe de homens de letras conscientes de seu papel enquanto intelectuais representantes de um povo. Foi neste cenário que despontaram escritores como Roplall Monar, poeta, contista e romancista e cuja obra foi objeto de nossa dissertação de mestrado, assim como o próprio David Dabydeen, só para citarmos os dois.

Como mencionamos em parágrafo anterior, Dabydeen nasceu em 1956. Tendo passado parte de sua infância com a família no interior da Guiana e em Georgetown, no final da década de sessenta do século passado, quando ondas de conflitos raciais envolvendo afro e indo-guianenses começaram a se intensificar, Dabydeen e sua família decidiram deixar o país e se instalar em Londres. Na Inglaterra o romancista teve a oportunidade de frequentar a Universidade de Cambridge, onde graduou-se em Inglês. Na Universidade de Londres o mesmo conseguiu o grau de doutor em Literatura Inglesa.

Em relação a sua produção literária, Dabydeen tem se destacado por seu ecletismo no que concerne a gêneros literários, despontando com sucesso tanto como poeta e romancista quanto como crítico literário. É autor de cinco romances, dentre eles estão *The Intended* (1991); *Disappearance* (1993) e *The Counting House* (1996). Em relação à crítica literária vale a pena citar, entre outros escritos, o ensaio “On not being Milton: nigger talk in England today” e a coletânea de ensaios por ele editada intitulada *Across the Dark Waters: Ethnicity and Indian Identity in the Caribbean* (1996).

Uma das marcas da escrita dabydeeniana é a memória das experiências vividas pelos imigrantes indianos no Caribe, uma experiência de preconceito racial, desenraizamento, personalidade dividida entre outras coisas relacionadas à condição migrante indo-caribenha. Sua escrita se caracteriza por um constante diálogo com a teoria pós-colonial assim como por um constante revistar o passado colonial do Caribe. A obra de Dabydeen é uma excelente sugestão para aqueles interessados em melhor conhecer aspectos ligados ao indiano e seus descendentes na Guiana.

Atualmente Dabydeen é professor e diretor do *Centre for Caribbean Studies* da Universidade de Warwick, na Inglaterra.

Antes de concluirmos o presente trabalho gostaríamos de mencionar algo relacionado à crítica literária produzida na Guiana e para tal nos concentraremos no nome de uma das mais prestigiadas revistas produtoras de crítica, estamos falando da revista *Kyk-Over-Al*.

A revista *Kyk* foi publicada pela primeira vez no ano de 1949 e surgiu como uma espécie de porta-voz da Associação de Escritores da Guiana Britânica. Seu nome tem origem em um dos mais antigos monumentos do período colonial guianense: o forte *Kyk-over-al*, fortaleza fundada pelos flamengos no interior do país no começo de século dezessete. Na época da criação da revista, seus idealizadores imaginavam um instrumento midiático capaz de contribuir para forjar uma consciência nacional e ao mesmo tempo capaz de estimular o aprimoramento dos bens espirituais do país.

Depois de mais de sessenta anos desde o lançamento de seu primeiro número, a *Kyk* tem enfrentado sérios problemas no tocante a sua publicação e circulação, já que seus editores dependem de doações e de assinaturas para continuar publicando-a, todavia, apesar dos percalços, o periódico se mantém de pé como um dos grandes irradiadores da literatura produzida no país e tem tido na pessoa de Ian MacDonald, poeta e crítico literário de origem trinitária, um de seus mais ardentes e dedicados editores.

Outro fator que tem contribuído de forma significativa para a divulgação da literatura guianense é o próprio curso de Letras da Universidade da Guiana, onde o aluno tem a oportunidade de cursar literatura ou lingüística. O referido curso tem atraído alunos, professores-pesquisadores de vários países da região caribenha assim como da Europa, África e demais quadrantes das Américas, como foi o nosso caso quando buscamos um contato direto com um curso de Letras de um país de expressão inglesa após o término, no Brasil, de nossa licenciatura em Letras (Português-Inglês e suas respectivas literaturas).

Um dos grandes problemas enfrentados pelo homem de letras em um país como a Guiana, considerado, do ponto de vista econômico, como um dos países mais pobres das Américas, é a falta de incentivo no tocante à publicação de suas obras. Em entrevista ao crítico e professor guianense de origem indiana



radicado em Toronto, Frank Birbalsingh, o romancista e também professor guianense Roy Heath, radicado na Inglaterra, lamenta que,

Um dos nossos grandes problemas é que nós não temos nossas próprias casas publicadoras. A atividade de publicação na Guiana é um negócio particular. Já que não temos pessoas investindo uma boa soma em dinheiro na área de publicações nós mesmos temos que fazê-lo. Seymour publicou seus próprios livros; ele é importante como uma figura que antecipou o ramo de publicação que irá crescer, cedo ou tarde, na Guiana (HEATH, 1998, p.224)<sup>7</sup>.

Razões desta natureza são algumas das justificativas apresentadas por um grande número de escritores da Guiana para não permanecerem no país. É grande o número de escritores guianenses residindo no exterior. Há um fator que sem dúvida estimula de forma contundente esta prática da migração, dentre muitos outros, claro: o fato de tais escritores se expressarem em uma língua universal, o inglês. Isto tem contribuído bastante para que muitos sejam absorvidos por instituições, sobretudo da América do Norte, como componentes de departamentos ligados a estudos anglófonos. Seja qual for a razão, o que importa é que um grande número de cérebros estão produzindo em instituições estrangeiras, fazendo com que o país continue enfrentando um grande déficit no que concerne à produção intelectual, fator preponderante para o desenvolvimento de uma nação.

Para finalizarmos o presente trabalho, gostaríamos de mencionar que atualmente a Guiana tem seus próprios prêmios literários. O Prêmio de Literatura da Guiana, o principal prêmio literário do país foi criado em 1987, sob os auspícios do então presidente daquele país Desmond Hoyte. Na época a visão do presidente foi a de conferir prêmios com o objetivo de promover o desenvolvimento das letras no país. O prêmio é conferido de dois em dois anos e podem concorrer ao mesmo escritores guianenses residentes ou não no país. Os mesmos podem concorrer na área de poesia, ficção e/ou teatro.

Além de concorrerem a prêmios literários em seu próprio país, o escritor guianense também tem participado com sucesso de prêmios literários ao redor

---

<sup>7</sup> A tradução, do inglês para o português, é nossa.

do mundo, principalmente de prêmios oferecidos no âmbito da Commonwealth, David Dabydeen é dos melhores exemplos de participação com sucesso.

A título de conclusão, gostaríamos de parabenizar a *revista Textos e debates* pela lúcida iniciativa de produzir um dossiê dedicado a assuntos ligados à Guiana, país vizinho sobre o qual conhecemos tão pouco. Com mais esta iniciativa, este espaço precioso de discussão acadêmica, mostra seu papel relevante no tocante à divulgação do conhecimento seja ele em nível local ou universal.

Gostaríamos de frisar que o que tentamos fazer aqui, enquanto pesquisador da literatura e de assuntos relacionados à Guiana, foi mostrar um pouco da realidade do país vizinho, país que se apresenta como fonte inesgotável de pesquisa para aqueles interessados em assuntos ligados às relações interculturais internacionais. Optamos por fazê-lo via crítica literária por crermos que a arte literária é uma das melhores formas de penetrarmos na alma de um povo.

#### **FONTES CONSULTADAS:**

ALARCON, Mary Castaneda de. “La búsqueda de la identidad guyanesa como ciencia política: Martin Carter”. In ROMERO, Rita Giacalone de (org). *Guyana hoy*. Mérida: Corpoandes Editora Venezolana C. A. , 1982.

BREINER, Laurence A. *An introduction to West Indian Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

COELHO, Pedro Motta Pinto. *Fronteiras na Amazônia: um espaço integrado*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1992.

DABYDEEN, David. (org.) *Across the Dark Waters: Ethnicity and Indian Identity in the Caribbean*. Hong Kong: Macmillan Caribbean, (1996).

DABYDEEN, David. *Disappearance*. Leeds: Peepal Tree Press, 2005.

BADYDEEN, David. “On not being Milton: nigger talk in England today”. In BUTCHAER, Maggie. *Tibirisi: Caribbean writers and critics*. New South Wales: Dangaroo Press, 2001.

DABYDEEN, David. *The Counting House*. Leeds: Peepal Tree Press, 2005.

DABYDEEN, David. *The Intended*. Leeds: Peepal Tree Press, 2005.

FÉLIX, José Teixeira. *Resistance and emancipation in the writings of Rooplall Monar*. 2003. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

HARRIS, Wilson. *Palácio do pavão*. São Paulo: Globo, 1990.

Folha de São Paulo. *Escritor da Guiana é lançado com 30 anos de atraso*. São Paulo, 1990. Caderno Mais, p.?

JELINEK, Hena Maes. Wilson Harris. In KING, Bruce (org). *West Indian Literature*. London: Macmillan Education LTD, 1995.

KING, Bruce (org.). *West Indian literature*. London: Macmillan Education LTD, 1995.

MACDONAL, Ian. (Edit.) *Kyk-Over-All*. Georgetown: Read Thread Women's Press, 1998.

MITTELHOLZER, Edgar. *Corentyne thunder*. London: Heinemann Educational Books, 1981.

MITTELHOLZER, Edgar. *My bones and my flute*. Kingston: Longman, 1993.

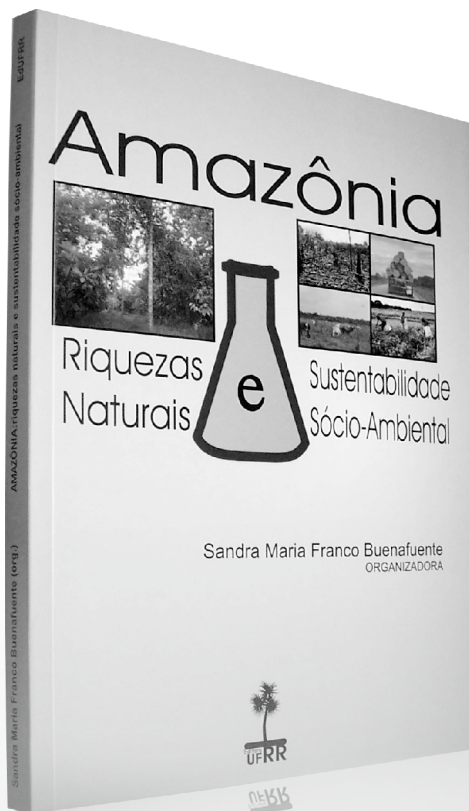
O Átomo. *Dinamitada a estátua da Rainha Vitória*, em Georgetown. Boa Vista, sábado, 05 de jun. de 1954. *Miscelânea*, p. 01

O Àtomo. *Graves agitações em Georgetown*. Boa Vista, sábado, 17 de abr. 1954. *Miscelânea*, p. 4.

O Ótomo. *Rasgada a bandeira inglesa: agitações na capital da Guiana britânica*. Boa Vista, sábado, 29 de ag. 1953. *Miscelânea*, p. 6.

PROCÓPIO, Agemiro. *Destino Amazônico*. São Paulo: Hucitec, 2005.

SEYMOUR, A. J. *The making of Guyanese literature*. Georgetown: Guyana National Co. Ltd., 1980.



# **AMAZÔNIA: RIQUEZAS NATURAIS E SUSTENTABILIDADE SÓCIO-AMBIENTAL**

Organizado por Sandra Maria Buenafuente

